

22 de julho de 2024

nº2

ano 3

Tatuí - SP

JORNAL

BULLI

20

FESTIVAL
ESTUDANTIL
DE TEATRO
DO ESTADO
DE SÃO PAULO

tatuí conservatório
de música e teatro

FETESP





NO FRESCOR DA HORA

5

**TREZE FORMAS DE AMAR OU
TUDO SOBRE O AMOR**

SORAYA MARTINS

11

**O FIGURANTE TRANSEUNTE
PODERIA SER MEU PAI...**

RAFA BREVES

16

ALEXA, COMO SERÁ O TEATRO EM 2124?

RAFA BREVES



APRECIÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

20

**EU SEI QUE O CADERNO DE TOQUINHO
AMAVA A MENINA**

ANA JULIA DOS SANTOS

24

ESCUMA, EMERJA E ESCUMALHE

LUCAS ROSÁRIO

CHARGES

30

SPLASH!

GABRIEL BARBOSA CIRILO RIBEIRO

31

SUBMETIDOS A FUSÃO

KAIÃO

32

É...

KAIÃO

33

MISTÉRIOS DE TATUÍ

ANA JULIA DOS SANTOS



34

**MERCANTE DE OLHARES – TEATRO QUE VAI
ATÉ O LUGAR ONDE SE VÊ – TEATRO QUE SE
CAMUFLA NO COTIDIANO PARA ESTRANHÁ-LO**

JAMES FURLANETO

38

ENTRE O HOMEM E A MÁQUINA

DAVID RODRIGUES DA CONCEIÇÃO

40

A FEIRA COMO UM PALCO PARA ENCANTADOS

JOSÉ ESTEVAM, KAREN SAMYRA E BRUNO SALATINOS

AINDA REVERBERA

44

**NÃO TÃO LONGE DA VISTA CHINESA NEM TÃO
PERTO DO VESTIDO DE NOIVA**

JHONY FURLANETO

46

UM ENSAIO OU UM ESPANTO SOBRE O TERROR

TADEU RENATO

BASTIDORES, POR CAMILA FONTENELE

53

3024 - UMA ODISSEIA INBOX

EXPEDIENTE

55





TREZE FORMAS DE AMAR OU TUDO SOBRE O AMOR¹

POR SORAYA MARTINS

apreciação do espetáculo Tudo aquilo que sei sobre o amor, a partir do painel conduzido por Lígia Helena – VQV e Valéria Rocha – Conservatório de Tatuí.

O coração, de acordo com o dicionário da Língua Portuguesa, significa, pensando na anatomia geral, órgão musculoso, centro do sistema de circulação do sangue. Já no sentido conotativo, significa conjunto de sentimentos ou

¹Referência ao livro Tudo sobre o amor, da escritora, ativista e artista antirracista estadunidense; a bell hooks; e uma lembrança carinhosa de Rafa Breves. 5

“pássaro livre em um dia de verão” ou “navio cansado procurando novos rumos”. O coração é o símbolo do amor, falando “conativamente”. E o que se sabe sobre o amor? É fogo que arde sem se ver? Ferida que dói e não se sente?

O grupo de teatro de Ribeirão Preto, Do Pátio ao Palco, que em seu nome traz o movimento do teatro estudantil, nascido no pátio da Escola Estadual Nair Guilhermina Pinheiro Nogueira e desaguando no palco com o objetivo de ampliar o repertório cultural da comunidade escolar, coloca em cena tudo aquilo que se sabe sobre o amor.

Composto por treze adolescentes, ou melhor, treze atores e atrizes, vestidos de vermelho e branco, o grupo trouxe para o palco do 29º FETESP as subjetividades sobre o amor de cada integrante, a partir da peça Tudo aquilo que sei sobre o amor. Em cena, vemos vários lugares de fala, várias possibilidades de experienciar, desejar e confabular o amor: desde os lugares mais românticos, passando pela problematização das relações tóxicas, até o amor como sentimento mais genuíno que sentimos pelos nossos pais, amigos e/ou pelo feijãozinho feito com carinho e afeto e bem-querer pela nossa vó.

Para falar sobre tudo aquilo que se sabe sobre o amor, e é muita coisa, e é muito bom de escutar-sentir-ver, Do Palco ao Pátio faz escolhas estéticas assertivas, misturando dança, humor, músicas e bordões que arrebatam o coração do público. A cena da metaencenação, isto é, a encenação dentro da encenação, por exemplo, traz o humor como linguagem criativa para, a partir de uma interpretação exagerada a la novela mexicana (como pede a cena), ao som de uma música dramática cantada

em espanhol, dá a ver uma grande desilusão amorosa. Outra escolha crítica-criativa que salta aos olhos, é a cena da melancia, com todas as possibilidades de significação que carrega. Jogar a melancia no chão e comê-la é metaforizar sobre as migalhas de amor que muitas vezes aceitamos; ou o ato de comer a melancia, que é antropofagia pura, dizendo melhor, come-se a melancia como forma de ressignificar as dores de amor? Essa e tantas outras aberturas que a peça propõe é da ordem do encantamento que o teatro faz. É magia!

A mesma que acontece com o objeto cênico mais importante da peça. O sofá branco ganha várias dimensões: é o lugar do aquilombamento dos corpos, das cenas e contracenas de carinho e de receber o convidado especial do talk show para falar e filosofar a partir das suas várias formas de amar. O jogo que se faz com luz também entra no campo de escolhas estéticas-magia que contribuem para dar mais sabor às subjetividades e micro-histórias. Essa magia só não é tão mágica em alguns momentos em que o texto dramático é dado/falado. Às vezes, o amor também precisa de respiros e silêncios! Mas isso está longe de apagar as bonitezas construídas ao longo de uma hora de peça.

Aliás, o tempo, no espetáculo, parece ser sublimado, pois é nessa horinha de descuido, reinventando a frase de Guimarães Rosa² que o amor se acha. É também nessa horinha que vemos um elenco, quase todo composto por pessoas negras – e isso é importantíssimo falar – tecendo outras formas de estar negras e negros em cena e no mundo, pois não trazem para o palco o discurso somente da dor e/ou das mazelas sociais, como normalmente se espera

²A frase de referência é: “Felicidade se acha é em horinha de descuido”, de Guimarães Rosa, escritor mineiro, autor de Grande Sertão: Veredas. 7

de atores e atrizes negras. Esse elenco usa o teatro e a ficção como possibilidade de construção de um espaço onde possa existir sem amarras e criar as próprias subjetividades e memórias.

As pessoas cor da noite,
como eu, também sabem falar,
sentir e pulsar no amor.

Elas falam de amor! Do amor, também, como possibilidade de experimentação artística, de trocas e tensões, de convívio, afeto, fortalecimento e sentido de pertencimento. O amor que cada vez mais tem que ser pensado na sua dimensão política – a politização do amor – como fala bell hooks, numa discussão crítica que considera que o amor precisa ser compreendido, radicalmente, como uma força poderosa que desafia, resiste e inventa novos caminhos. Viva!







O FIGURANTE TRANSEUNTE PODERIA SER MEU PAI...

POR RAFA BREVES

apreciação do espetáculo Escumalhas Urbanas, a partir do painel conduzido por Lígia Helena e Amanda Tavares Dias – VQV.

Já contei para vocês que Tatuí é o meu território? E que, para mim, território dita identidade? Pois bem! Esse é o meu lugar. E foi na feira livre de domingo que a minha identidade também

foi moldada. O cheiro do pastel, o barulho da feitura do caldo de cana, o gosto daquele cordão de melzinho vendido na barraca do seu Zé...

Foi nesse território que se construiu uma das partes mais bonitas da parede da minha memória: a relação com meu pai, que ainda hoje (há mais de 30 anos) me chama todo domingo para ir à feira, nem que seja só para comprar tomate e cebola. A verdade é que para ele os legumes e verduras são só uma desculpa. Ele quer mesmo é “bater perna”, ele quer ir para rua.

Afinal, o meu pai é feito disso. Um homem negro, que fala alto e que adora andar pela cidade, cumprimentando todo mundo, a cada esquina, com um sonoro “Opa!”. Ele, que é o carpinteiro mais conhecido desse território de terra vermelha, poderia facilmente estar no espetáculo Escumalhas Urbanas.

Ele poderia ser um dos tipos apresentados no processo de criação dos alunos da Escola Livre de Teatro, ou até mesmo um figurante transeunte, que espontaneamente se misturaria pelas texturas e cores propostas pela encenação. Meu pai é esse homem cotidiano, com uma vida comum, mas que tem na simplicidade o poder de ter em seus gestos a ação poética.

E é isso que o Escumalhas Urbanas faz: olha ao redor, olha para o comum, olha para a rua e transforma o que se vê, o que se cheira e o que se ouve, em materialidade. Reivindica a riqueza dos saberes, as práticas, os modos de vida e as visões de mundo, tão faladas por Luiz Antonio Simas em “O Corpo Encantado das Ruas”.

E que bom foi ouvir que o Simas é uma referência,

pois para mim ficou escurecida a construção dessa alteridade dos corpos na afluência das encruzilhadas. E falando em encruzilhadas, não podemos esquecer de Luiz Rufino e suas pedagogias, que são encarnadas e enunciadas exatamente por esses corpos transgressores e resilientes, assim como os meninos sem nome, o velho com saudade, o gari e tantos outros que vagueiam incorporados de humanidade.

E quando falamos de rua, também falamos de som. E nessa peça, a paisagem sonora é feita apenas por músicas emitidas de forma eletrônica. Adoraria ter ouvido um batucar ou um dedilhar ao vivo. Contudo, existe um som que impera. Um não. Muitos. É o som da rua. Escapamento do carro, cachorro latindo, criança chorando, sorveteiro buzinando...

E é essa dramaturgia sonora ao acaso que preenche o silêncio dos atores. Todos estão de máscaras. Aquelas, que na fala da diretora da peça, não são as da *Commedia dell'arte*, mas muito mais semelhantes às “caras de couro” do Cavalo Marinho, do Mestre Aguinaldo.

E foram essas máscaras que fizeram meus olhos ficarem atentos à fisicalidade dos atores e como eles foram capazes de se propor a investigar, ali, em cena, ao vivo, a plasticidade apresentada por Jacques Lecoq, que também enfatiza a importância do coro e corifeu na criação de uma linguagem teatral universal, na qual a expressão corporal e a máscara transcendem as barreiras linguísticas, permitindo uma comunicação direta e visceral com a plateia. E isso aconteceu. No meio da feira de domingo.

FOTOGRAFIAS POR CAMILA FONTENELE



FOTOGRAFIA POR JOÃO MARIA





ALEXA, COMO SERÁ O TEATRO EM 2124?

POR RAFA BREVES

apreciação do espetáculo 3024 – Uma Odisseia Inbox, a partir do painel conduzido por Amanda Tavares Dias – VQV – e João Fabbro – Conservatório de Tatuí.

Esse é só o segundo dia do 29º FETESP e, a partir dos trabalhos que eu assisti, já estou me perguntando: como será o fazer teatral daqui a 100 anos?

Vocês já pensaram nisso?

Dos cinco espetáculos encenados, dois deles se utilizaram de telas, projeções e vídeos. Será esse um legado da pandemia? Ou a arte híbrida é o presente?

“Bob Wilson já está aí há décadas, gata”.

Eu sei, eu sei...Muitas perguntas e poucas respostas. Preciso de ajuda!

“Chat, me descreva, em uma frase, como será a arte em 2124*”.

“A arte em 2124 será uma fusão imersiva de tecnologia avançada e expressão humana, onde as fronteiras entre realidade física e virtual se dissolvem, permitindo experiências sensoriais e emocionais inéditas”.

Eu fiz esse prompt* e o Chat GPT me respondeu. Mas não sei se concordo, preciso pensar mais. Me ajuda aí, Colégio Singular!

Para alguns alunos é isso e não tem mais jeito. Para outros, ainda há esperança, mas precisamos encontrar o equilíbrio. E que bom que há contraponto entre os jovens de Santo André que apresentaram o espetáculo 3024 – Uma Odisseia Inbox. Afinal, eles encenaram um intrigante espetáculo que explorou as complexidades das interações humanas e tecnológicas em um mundo hiper conectado. A contradição ia emergir.

E se alguém sabe falar e expressar a contradição, é a juventude. Eles sabem a linguagem da internet, as trends do TikTok e como isso alimenta o algoritmo e suas regras incoerentes.

E foi por esse canal multimídia que as situações

dramáticas foram dadas no palco e foram costuradas com os hits do momento. Foram os exageros da realidade que me capturaram para a tela do Colégio Singular. E, mesmo com elementos tecnológicos, que inclusive saltaram aos meus olhos e aos do público, a palavra que mais se ouviu na plateia foi “humanização”, ou a falta dela.

Será que estamos querendo voltar duas casas nesse jogo? Queria tanto acreditar que sim. Queria tanto acreditar no Krenak quando ele diz: “É preciso desacelerar e redescobrir a importância do tempo e da contemplação”. Mas acho que não.

Assistir 3024 – Uma Odisseia Inbox recrutou toda a minha razão. Fiquei inquieta e questionei mentalmente quem é que tem o direito de imaginar o futuro. Nas cenas, ficou evidente que não é a faxineira. Afinal, nesse mundo, com ou sem tecnologia, não são todos os que podem esperar o dia seguinte. Pessoas negras, cor da maioria das trabalhadoras domésticas do Brasil, nem sempre podem. Essas pessoas só estão, a cada dia, sendo criativas e tendo “ideias para adiar o fim do mundo”.

E assim, desejando um deus ex-machina apenas para a resolução daquilo que o humano não dá conta, ainda prefiro acreditar que o futuro será ancestral.



Meu Primeiro

Humaninho!

***Baterias não
inclusas**



EU SEI QUE O CADERNO DE TOQUINHO AMAVA A MENINA



POR ANA JÚLIA GONÇALVES

*bolsista estagiária de apreciação crítica
para o espetáculo Tudo aquilo que sei sobre
o amor.*

Pereço licença para a Maria, a Ana, o João, o Caio e todos os outros adolescentes que fazem teatro para eu entrar nesse Carnaval. Nessa “festa do atuar” a compreensão desse ritmo que não é uma fase, mas que simplesmente “está” como teatro, é essencial. Quando o presente se atrela à

memória, tudo vale quando vem à tona! A primeira aula de teatro, o primeiro beijo, mão suando, mentira para mãe e a primeira paixão da escola. Matheus, ainda me lembro de você!

As inúmeras voltas do Bloco do Coração mostram quanto tempo demora para sumirem os rastros de suas batidas por algo, principalmente por outro alguém. Ai, ai como ele faz barulho, né? Mesmo a gente sempre tendo aquela vizinha falando no nosso interior, representada pela atriz no início da peça, que mostrava o lado mais racional e científico do coração, quase nunca a ouvimos. A verdade é que quando o coração bate não escutamos somente o barulho do coração e, sim, do corpo todo! A cabeça reverbera com as imagens da saudade e ecoa nossos desejos. No estômago ricocheteia as frustrações causadas por quem ama, a gente come, a gente não come, a gente tem piriri, a gente tem úlcera, a gente escuta o “Uoworrr” da nossa barriga, a gente até come uma melancia inteira. A atriz comeu uma melancia inteira.

O amor pode ser comparado com um suco de melancia: às vezes ele é muito esperado e fica por isso mesmo, tudo bem! Às vezes ele não é esperado e surpreende. Mas sempre tem os restos, né? O bagaço, as sementes, a casca, tem gente que joga fora? Tem gente que pega?

Talvez eu ainda não saiba muito sobre assuntos como esses. Por exemplo: hoje eu suspeitei de que o Caderno tivesse feito uma confissão platônica para sua dona, daqueles típicos casos de paixão entre melhores amigos que passam muito tempo juntos e acabam confundindo as coisas. Mas só me tensionei dessa forma após a definição de “Amor” ser

contestada em Tudo aquilo que eu sei sobre amor, no 29º FETESP. Com o elenco do Do Pátio ao Palco, da EE Nair Guilhermina Pinheiro Nogueira Nairzinha pulsando em um figurino de vermelho e branco, folhas sulfites estavam espalhadas ao chão enquanto os atores desenhavam com giz de cera ao som de Toquinho: “Serei de você confidente fiel / Se seu pranto molhar meu papel / Sou eu que vou ser seu amigo / Vou lhe dar abrigo, se você quiser / Quando surgirem seus primeiros raios de mulher / A vida se abrirá num feroz carrossel / E você vai rasgar meu papel”.

Ao terminarem seus desenhos e distribuírem à somente seus escolhidos do público, me pergunto: quem tem “sorte” no amor? Você, por exemplo, já amou? Melhor: já foi amado? Já teve a longa paixão de 3 dias de carnaval? Nesse bem-me-quer-mal-me-quer feito por uma das atrizes em cena, te convido para uma entrevista. Se imagine em um sofá branco, luzes focadas em você, a ponto de não ver a plateia. Isso, exatamente como era o cenário da peça.

Pergunta 1: Você comeria melancias em um relacionamento?

Pergunta 2: Qual órgão do corpo representaria o amor? Não vale o coração!

FOTOGRAFIA POR CAMILA FONTENELE



FOTOGRAFIA POR JOÃO MARIA



ESCUMA, EMERJA E ESCUMALHE

POR LUCAS ROSÁRIO

*bolsista estagiário de apreciação crítica
para o espetáculo Escumalhas Urbanas.*

Escumalhas Urbanas, do grupo Povo da Máscara, da Escola Livre de Teatro de Santo André, é um espetáculo que está em processo, mas o que vimos hoje aponta bons frutos no porvir. O trabalho explora a composição da máscara a partir das pessoas nas ruas, e, embora tenha sido a

primeira vez que o grupo atuou em praça aberta, na qual acontecia uma feira com repolhos, manjeirões e galinhas vivas engaioladas, o encontro foi ditoso. A bem dizer, a feira compôs e dialogou naturalmente com o que nos foi apresentado.

O nome “povo” não estava somente no estandarte do grupo pendurado em um dos coqueiros da praça, mas também nas figuras que surgiram diante da plateia. Aliás, está inserido no título, uma vez que “escumalha”, quer dizer “grupo considerado de baixa condição moral, cultural e social”. RALÉ. Isso no dicionário. O elenco, no entanto, descortinou o lado prazenteiro desse povo, ao mesmo tempo que, como pontuou a diretora Cuca Bolaffi, “sem passar pano (para as mazelas que o povo vive)”. Ademais, Escumalha é título de uma música de Douglas Germano, referência para o grupo, que também louva as pessoas desprezadas quando canta: “É a falha, é a tralha, é a calha, é a malha do chão, o escangalho no peso do malho que forja a nação”, denotando a força hercúlea que, numa sociedade estratificada, a base da pirâmide se exerce para que privilégios horripilantes possam ainda existir.

Nesse sentido, as máscaras representam, para além das figuras, o lugar social desse “povo”. O processo do grupo tem como uma das fontes de pesquisa o livro *Arruaças: uma filosofia popular brasileira* (2020), tendo como autores a trinca Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino e Rafael Haddock Lobo, que estão interessados em desmistificar nosso molde de sujeito europeu. No título, o livro traz ambiguidades: cadeiras de arruar foram utilizadas como meio de locomoção durante os séculos XVIII e XIX nos grandes centros urbanos do Brasil, como Salvador e Rio de Janeiro. Eram cadeiras com quatro apoios nas

laterais que, levantadas, levavam as sinhás pelas ruas, como se fossem santas nas manjedouras em dias de procissão. Por outro lado, “arruaça” carrega também o significado de confusão, motim, agitação das pessoas. É significativo essa fricção: uma vez que urgimos uma decolonialidade que traga novas narrativas de vida, é necessário arruaçar, é deixar a sinhá cair da cadeira, literalmente.

E aqui entra a necessidade de quebrantar nossa subjetividade hermética que naturaliza a opressão. Essa lógica não é e nem pode ser a única possível. Temos que aguçar nossas percepções para as multiplicidades de vidas e costumes que alocam o social brasileiro através de uma releitura de nossas condutas e conceitos, partindo daquilo que os autores no livro chamam de exubjetivação. No espetáculo/processo de hoje, por exemplo, tivemos a figura de uma curandeira, uma pessoa que conhece as plantas, que aponta para uma ancestralidade que é suprimida e sufocada a cada dia, mas que ainda assim é pujante, pois parece impossível matar aquilo que nos constituiu. Não se trata de pulverizar a subjetividade europeia, porque isso seria uma falácia, uma vez que colonizados e colonizadores, num imbricamento, é a forja do país. O que se propõe, me parece, é reconhecer que somos formados pelas trocas, pelos fluxos, que as desigualdades discrepantes não devem ser mumificadas e que fora das zonas de conforto, no âmbito da rua, existem pessoas complexas, com suas crenças, dores, alegrias e medos. Exu, sendo o orixá da comunicação e da abertura de caminhos, busca a pluralidade das vozes. Pra mim foi significativo quando a figura do velho ficou saudoso quando tocou o fado e, na sequência, um movimento brusco, uma arruaça, uma

foto tirada pela figura da marmiteira com uma máquina antiga que apregooou todas as máscaras na moldura, registrando um Brasil ambivalente.

Cuca comentou que o trabalho apresentou somente um momento do dia, que é a manhã. A ideia é seguir com a tarde e depois a noite. Como é a noite na rua de quem está na rua? Como é a nossa noite interna sem os apetrechos do capital que teimam em nos ludibriar, como aquelas arminhas de sabão ridículas vendidas pela figura da ambulante? Existem outras formas de olharmos e de nos relacionarmos com as estrelas? Eu acredito que sim. Espero que possam seguir firmes na pesquisa e complexificar ainda mais as relações das máscaras, dos objetos e das narrativas.



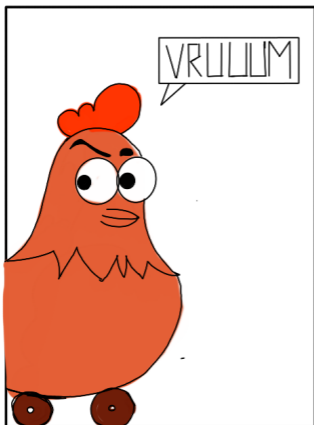




GABRIEL BARBOSA CIRILO RIBEIRO

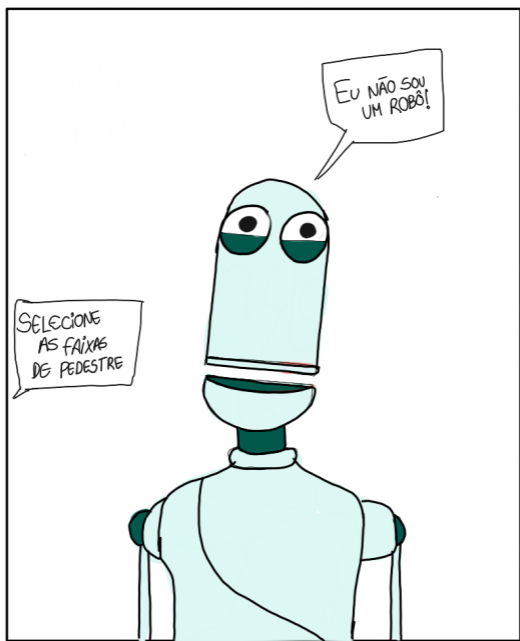
SUBMETIDOS A FUSÃO

RESÍDUO ORIGINADO DA FUSÃO DE CERTOS METAIS (ESCORIA) QUE FOI SUBMETIDO A FUSÃO ESCUMALHO



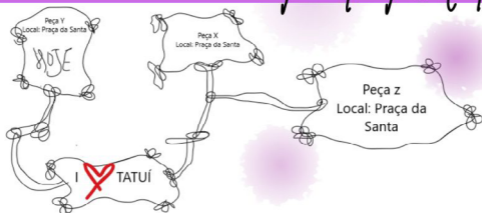
KAIÃO

É...



KAIÃO

Mistérios de TATUÍ



XD

Ana Júlia Gonçalves

ANA JULIA DOS SANTOS



MERCANTE DE OLHARES – TEATRO QUE VAI ATÉ O LUGAR ONDE SE VÊ – TEATRO QUE SE CAMUFLA NO COTIDIANO PARA ESTRANHÁ-LO



POR JAMES FURLANETO

*estudante do 3º ano de artes cênicas no
Conservatório de Tatuí.*



Depois de estarmos acostumados com a paisagem da feira, engradados, papelões, lixo, carrinhos e tendas, surgem figuras cheias de camadas de roupas e rostos que desacostumam o

domingo de vendas.

“Esse coqueiro está a vida inteira ali”.

O olhar se acostuma àquelas figuras. Elas se camuflam no espaço, quando surge um senhor na mesma paleta de cores, com movimentação semelhante a dos mascarados. Me confundo no limite entre paisagem, cena, público, plateia, rosto ou máscara, pele ou papelão, a ruga do cigarro ou da cola ou do trabalho.

“Eu não sei o que é teatro pra dizer pra você, mas vendo hoje deu pra conhecer”.

a terra do sapato ou do vaso, um coro de olhos esbugalhados ¿O QUE FAZ ESSAS CRIATURAS SE ENCONTRAREM AQUI? escambo, economia girando ¿O QUE FAZ OS OLHOS CURIOSOS ENCONTRAREM O QUE PROCURAM?

“O teatro consegue resgatar o que está abandonado”.

¿O QUE FAZ UMA FRUTA SER APANHADA EM UMA BARRACA? ¿O QUE É UMA FLOR DEPOIS DE COLHIDA DA TERRA? ¿QUEM ENSINA A GALINHA AONDE ELA DEVE BOTAR SEUS OVOS?

“Eu não sei o que é teatro pra dizer pra você, mas vendo hoje deu pra conhecer”.

¿SE A SAUDADE FOSSE UMA ESCOLHA, AINDA ESCOLHERÍAMOS SENTÍ-LA?

“Tô aqui todo domingo”.

¿QUEM QUESTIONA O COTIDIANO E QUEM REPRODUZ?

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

¡*Escrevivência gerada a partir do trabalho “Escumalhas Urbanas”, do Povo da Máscara, e do encontro com Amilton, um trabalhador da feira, numa conversa paralela à apreciação do VQV. *!



FOTOGRAFIA POR JOÃO MARIA



ENTRE O HOMEM E A MÁQUINA

POR DAVID RODRIGUES DA CONCEIÇÃO
*estudante da escola Nair Guilhermina
Pinheiro Nogueira, de Ribeirão Preto.*

O espetáculo 3024 – *Uma Odisseia Inbox* é uma peça sem uma história linear, onde são usados diversos fragmentos de tempo que trabalham no tema do Futuro sobre a relação entre homem e máquina. A peça utiliza encenações cênicas, com bastante uso de efeitos sonoros e músicas que

são populares, como: *País do Futebol* do MC Guimê; *Thank you, next*, da Ariana Grande, entre outras, principalmente para troca entre cenas curtas mas significativas. Também usam de inúmeros efeitos de luzes que combinaram muito com a estética futurista da peça, sobretudo nas palavras da I.A., vulgo Gabriel Pinto Toscano, porquê é necessário pesquisar pra saber, mas é um grande poeta que realiza interação com a plateia e faz refletir sobre a relação presente entre homem e máquina e as reações na sociedade em si. Gostei bastante! Sinceramente, foi realmente espetacular ver esse trabalho.



A FEIRA COMO UM PALCO PARA ENCANTADOS

**POR JOSÉ ESTEVAM, KAREN SAMYRA E
BRUNO SALATINOS**

*estudantes da Escola Superior de Artes
Célia Helena*

O espetáculo de hoje desvela-se como um mergulho profundo nas figuras absurdas que habitam o cotidiano, transformando a feira de domingo em um palco de encantamentos.

No meio da praça, sob o sol de domingo, as figuras da peça se misturam à multidão, confundindo-se entre os transeuntes. É uma dança social onde cada máscara conta a história de seu bando, um conjunto de narrativas e corpos que revelam suas próprias lógicas de existência e sobrevivência. A troca de relações entre essas figuras espelha nossas próprias interações no cotidiano frenético e ruidoso, onde as palavras são rápidas e o mundo é caótico e hostil.

Contemplando essas máscaras, ouvimos o desejo profundo de transcender um mundo que muitas vezes parece inóspito e indiferente. A reflexão que emerge é sobre o que essas figuras nos revelam sobre o fim do mundo, sobre a hostilidade da sobrevivência e sobre como a sociedade trata aqueles que trazem suas próprias subjetividades e histórias.

Este teatro não é apenas uma representação, mas uma afirmação política de visibilidade e reconhecimento das vidas que habitam as margens da normatividade. É um teatro popular que não se limita ao entretenimento, mas que nos convida a refletir sobre as complexidades e as injustiças do mundo contemporâneo.

Assim, “Escumalhas Urbanas” transcende o espaço físico da feira e nos leva a uma jornada poética e provocativa, onde as máscaras não apenas ocultam, mas revelam verdades essenciais sobre nossa própria humanidade e nossa relação com o mundo que habitamos.

Pensando numa sociedade tão verborrágica que somos, é de uma poesia ver um “palco” do silêncio, onde as palavras repousam de outra forma, onde erguem-se histórias em gestos.

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

No teatro dos corpos, a alma se expõe nua: em cada movimento, um verso; cada olhar, uma palavra.

Os dedos falam línguas que o som não traduz, os braços desenham no ar emoções profundas, cada parte do corpo conta de sua maneira a “história”.

Na ausência de vozes, a presença é mais densa, precisa ser. A verdade se revela na mais sutil das curvas. O invisível é tangível, a essência do humano se faz carne e movimento, criando cada tipo e persona que surge e nos é revelado na encenação.

Temos ainda a presença das máscaras, que delinham um outro olhar, um suspiro invisível. A presença estática de uma só expressão, que diz tanto, mesmo sendo uma só. E assim, segredos do cotidiano são contados pelo corpo, onde tudo se torna possível, as barreiras caem e o efêmero é eterno.

Foi uma experiência convidativa, o campo da imaginação caminha junto com a peça, como se o público fosse tão parte do trabalho que se surpreendesse junto com as figuras.

Dito isso, as figuras compunham um esquema fortificado, a relação entre eles e a lógica das suas vivências pautavam o que entendemos como real, levando a imensidão imagética do espetáculo para o que entendemos, também, em nossos corpos.

O palco toma o entorno que for necessário, se estende à feira, à rua, ao povo que passa sem estar assistindo e alcança o céu azul com sol quente que ilumina as vendas e os escambos.

A viagem exibida pelo bando provoca-nos para sermos gente atrás de gente, pisando no mesmo chão que outros, como Milton Nascimento ao cantar:

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

“Todo artista deve ir aonde o povo está”. Trabalhar neste chão é pensar com o povo a materialidade da peça, trazer para este momento presente o público e viver pensando o conjunto, o coletivo que cria e imagina junto às possibilidades de ser a partir do que se pode e não do que está posto, nutrindo, também, o olhar de quem faz o teatro apenas como espectador.



**NÃO TÃO LONGE
DA VISTA
CHINESA NEM
TÃO PERTO DO
VESTIDO DE
NOIVA**



POR JHONY FURLANETO

*estudante do 1º ano de artes cênicas no
Conservatório de Tatuí.*

No teto

As rachaduras se espalham

Cai o pó

Cai a chuva

Tensas águas

Sem misericórdia

AINDA REVERBERA

Dentro
Os estilhaços se espalham
Palavras
Atiradas
surgem como risos

A dualidade
A imagem e o ser

debaixo do pesado olhar da sociedade
longe da vista de qualquer um

do olhar de quem dança
Senhoras, senhores e pessoas que não se sentem
abrangidas por esses títulos, presenciamos um
espetáculo coreográfico!
A precisão!
A continuidade da movimentação!
A utilização de cada elemento cênico na construção
dos passos!
Os movimentos duplicados em uníssono!
A construção da dinâmica visual em todos os seus
planos!
No teatro, diz-se que quando uma transição de
cena boa, é bem costurada
Este vestido de noiva foi feito sem um único corte



UM ENSAIO OU UM ESPANTO SOBRE O TERROR

POR TADEU RENATO

*professor de artes cênicas do Conservatório
de Tatuí.*

Ai, dos homens / que matam a morte / por medo da vida
Vinícius de Moraes

Em algum momento entre a infância e a adolescência, fui tomado de fascínio pelo cemitério da cidade em que morava. Andava por entre as tumbas imaginando quem eram aquelas pessoas que jaziam. Interessavam-me, sobretudo, dois tipos de sepulturas: aquelas em

que toda uma família estava enterrada; e aquelas que foram abandonadas pelos vivos e nem mais continham uma informação sobre quem repousava naquele espaço. Não havia nada de especificamente mórbido nesses meus passeios: o contato com a finitude me fazia inventar biografias sobre aqueles que haviam existido completamente antes mesmo de eu existir. Gostava de imaginar as miudezas de seus dias, o gosto pelo café, os desejos nunca revelados, as alegrias em noites de domingos silenciosos, a reflexão sobre a morte que cada um teve diante de um jazigo. Posteriormente, morando em São Paulo, descobri cemitérios ainda mais antigos e me espantavam não apenas os mortos -- alguns muito famosos nos livros --, mas também as artes carregadas de dramaticidade que enfeitavam os mausoléus mais abastados. Estar diante dos mortos me disparava inúmeras sensações e meditações que ainda hoje me acompanham e só deixei de freqüentar os cemitérios quando fui tomado por um medo de fantasma que me foi incutido tardiamente. Não um receio de eles aparecerem diante de mim, mas de que ao me verem caminhando no campo santo sem qualquer pudor, talvez até sereno, quisessem me seguir e ver o lugar onde eu me deitava enquanto vivente.

Mais tarde, ao completar duas décadas, ganhei de presente uma coletânea de poemas intitulada *Lira dos vinte anos*, do poeta romântico brasileiro Álvares de Azevedo, que se tornou por anos minha referência de poesia, melancolia e estranheza. O poeta, falecido aos vinte, deixou obra extensa, entre versos, teatro e prosa, tudo carregado de um ambiente tétrico, de questionamento sobre

a morte e o amor. Para um turista de cemitério, aquelas palavras serviram como uma roupa de bom caimento.

Embora tivesse uma queda pelo mórbido, nunca me interessei por filmes de terror; achava-os bobos, quase sempre ridículos. Fora o fato de não entender por que as pessoas deliberadamente viam algo para se assustarem. Décadas se passaram e já não tenho tanto apreço pelos românticos, embora Azevedo ainda me cause afeto. Ainda me surpreende o fim da existência, ainda me interessa a loucura (na infância tinha um medo injustificado de ficar subitamente louco), mas elas se tornaram mais racionalizadas, mais afeitas aos estudos filosóficos. E apenas há pouco tempo repensei os filmes, séries e literatura de terror. Ao me deparar, sem qualquer pretensão, com a série A maldição da residência Hill, fui capturado pela excelente dramaturgia que me fez compreender que o terror (ao menos naquela série) é uma simbologia que diz muito mais sobre as relações familiares e sobre a psique das personagens do que sobre espíritos malignos. Desde então tenho me interessado mais pelo tema, lido textos sobre, feito aproximação com outros saberes. Hoje sei que o termo “terror” tem sua origem no latim e refere-se àquilo que nos assusta. Como gênero literário, embora tenha suas fontes nas oralidades tradicionais, funda-se como estilo específico a partir de meados do século XVIII, com narrativas que apresentam histórias de crimes, loucuras ou poderes sobrenaturais que apavoram o cotidiano. Seu surgimento pode ser colocado em paralelo às mudanças sociais que aconteciam no continente europeu naquele período,

como o crescimento vertiginoso das grandes cidades, a circulação de notícias impressas, o aprofundamento dos estudos psicológicos, o avanço científico: um admirável e estranho mundo novo surgia em alta velocidade e, naturalmente, causava estranhamento pela nova realidade que nascia.

Sou atravessado por essas memórias ao assistir os dois primeiros espetáculos apresentados neste festival: Longe da vista chinesa e Vestido de Noiva. São duas peças de terror. Na primeira, há a presença de vários tipos de terror, sendo o mais explícito o medo da violência física, que por si só não é necessariamente um horror, no sentido artístico. Mas quando essa violência vem do desconhecido (as forças destruidoras que qualquer pessoa naquela peça pode conter), ou quando se apresenta como um terror cósmico – isto é, quando vem de poderes maiores e longe do nosso controle, como uma tempestade sem fim, uma escola na beira de um vale, forças divinas e demoníacas – aí se instaura o terror. Há na obra uma estética gótica (termo que o próprio dramaturgo, Bosco Brasil, utiliza para se referir à sua proposta neste texto) que reforça esses aspectos. Talvez o registro quase naturalista e referente a filmes norte americanos nas escolhas da encenação possam nos fazer rir do que vemos, mas me parece evidente que o desejo da peça é ser um terror, é nos colocar frente a personagens que perdem a fantasia romântica sobre a morte e o desconhecido quando postas em um turbilhão de forças que escapam do controle e da racionalização. A própria estrutura da dramaturgia, que não nos dá muita explicação sobre quem são aqueles adolescentes, onde estão e os motivos de estarem

naquela situação, dão um aspecto de pesadelo ao enredo. Não é comum que o teatro explore o gênero terror e creio que, quando pensado como simbologia de nossas sombras mais profundas, é uma possibilidade de diálogo que coloca em movimentos afetos que nos tomam (ainda que nem sempre os notemos) cotidianamente.

Os mesmos aspectos que caracterizam o terror no espetáculo adolescente podem ser vistos em *Vestido de Noiva*. Ambos lidam com elementos trágicos, ambos falam dos deslimes entre vida e morte, razão e loucura, realidade e ilusão. Ambas abalam estruturas narrativas sólidas, ambas não nos entregam todos os sentidos (quando uma obra nos dá sentidos já estabelecidos, ela nos apazigua, não abala nossas certezas), ambas são aterradoras. Durante a conversa após a apresentação de *Vestido de Noiva*, foi questionado ao grupo que apresentava sobre o motivo da escolha desse texto para ser encenado em 2024. Creio que a questão não foi inteiramente respondida e, ao menos para mim, ficou ecoando, pelo fato de eu me perguntar sobre isso em relação ao primeiro espetáculo. O que significam essas peças hoje, para além de seus interesses formais? Acredito que duas peças de terror, como eu as leio, surgem no mesmo contexto que o gênero surgiu séculos atrás: estamos em uma época incerta, parece que não temos muita esperança sobre o futuro (como atesta o espetáculo futurista e distópico *3024 – uma odisséia inbox*), estamos em uma epidemia de depressões, ansiedades e outros transtornos psíquicos, o capitalismo está levando os corpos à exaustão – quando não os exterminando de vez. Talvez essas peças

de terror tenham motivo de ser porque estamos aterrorizadas e aterrorizados. Quem sabe o medo de um terrível mundo novo esteja nos assombrando, a morte esteja reproduzida em massa e o teatro, como espaço dos sonhos coletivos, esteja nos dizendo sobre nossos pesadelos. E é importante que falemos dos receios coletivamente, que sejamos assombrados. Para que as mazelas sejam desnaturalizadas, para que voltemos a estranhar a realidade que se nos apresenta e possamos pensar modos diversos de voltar a ter bons sonhos. Para que nossa caminhada entre os mortos não seja apenas de lamento, mas de honrar histórias passadas e festejar a urgência de estarmos existindo em conjunto, em busca de reafirmar as vidas – TODAS! – em suas máximas potências.



BASTIDORES

POR CAMILA FONTENELE





EXPEDIENTE

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Produção editorial

João Fabbro

Coordenadora de comunicação

Luiza Lorenzetti

Arte design

Lívia da Silva

Assistente Arte design

Luiza Devasa

Revisão de textos

João Fabbro

Roberto Anzai

Tadeu Renato

Colaboradores

Ana Julia dos Santos

Bruno Salatinos

David Rodrigues Conceição

Gabriel Barbosa Cirilo Ribeiro

James Furlaneto Rocha

Jhony Furlaneto

José Estevam

Kaião

Karen Samyra

Lucas Rosário

Nataly Duarte dos Reis Franceschini

Rafa Breves

Soraya Martins

Fotógrafo

Camila Fontenele

João Maria

[Leia também por meio deste link a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustentados Organização Social de Cultura.



Lei de
Incentivo
à Cultura
LIn 300/2011

patrocínio

VISA

rede
Itaú

Drogal

SICOOB

cipatex®

parceria



PREFEITURA DE TATUÍ

Secretaria de
ESPORTE, CULTURA,
TURISMO E LAZER

realização

#SUSTENIDOS

tatuí conservatório
de música e teatro

CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO